

27 de julho de 2023 nº6
ano II

Tatuí, SP

JORNAL

BULI

28º FETESP

**FESTIVAL ESTUDANTIL DE TEATRO
DO ESTADO DE SÃO PAULO
CONSERVATÓRIO DE TATUÍ**





NO FRESCOR DA HORA

4

**"CARCARÁ
PEGA,
MATA E COME"**

JULIA PEDREIRA

10

DI-LA-TAR

FELIPE DE MENEZES

14

**MANIFESTO PACIENTE: UMA EXPERIÊNCIA
IMPACTANTE NO FETESP**

FELIPE DE MENEZES

COXIA

19

O VOO DO CARCARÁ

MARCO ANTONIO PEDRA

25

CANSAÇO VENCIDO PELA AGONIA

THIAGO MARCHETTO

CHARGES

29/30/31

**QUEM SOMOS NÓS?
(À)RISCAR
PRA QUE NÃO ESQUEÇAMOS**

KAIO ALEXANDRE

CRÔNICA DO DIA SEGUINTE

32

CONVOCO QUE PAREM

CAMILA ALOMBA

36

DENÚNCIA

GUILHERME GARCIA

39

VOU MANDAR POR AQUI, TUDO BEM?

PATRICK GOMES

43

QUEBRATEMPO

MURILO HENRIQUE DELESPOSTI

AINDA REVERBERA

47

TATUIANOS DO MUNDO, FLERTAI-VOS!

ANDREWS NASCIMENTO

50

ARTE NA EDUCAÇÃO BÁSICA É RESISTÊNCIA

GUILHERME GARCIA

54

EXPEDIENTE





"CARCARÁ PEGA, MATA E COME"

POR JULIA PEDREIRA

*apreciação do espetáculo Inimigas
públicas: Memórias de chumbo, a partir
do painel conduzido por Paulo Gircys –
VQV – e Valéria Rocha – Conservatório
de Tatuí*

Na noite de hoje, ao entrarmos no Teatro Procópio Ferreira, nos deparamos não apenas com um palco e um cenário, mas com um memorial cuidadosamente construído. Objetos e fotografias ali organizados já contavam uma história.

Retratos de mulheres pendurados em fios nos olhavam de volta. Cartazes de protesto anunciavam o desejo de mudança, luta e resistência. Nesse ambiente memorialístico, entraram duas atrizes carregando baldes e panos sujos de vermelho. A atmosfera se completa, quando começam a entoar a canção Cálice enquanto lavam os panos sujos, com uma força tão doce quanto cortante. O memorial silencioso vai aos poucos ganhando vida, corpo, movimento e revolta. Como disse um espectador, após a peça, "eu senti revolta, um nó na garganta que não desatou ainda".

Esse nó na garganta vai aparecer de muitas formas na conversa após o espetáculo "Inimigas Públicas: Memórias de Chumbo", seja por meio de palavras como angústia, ansiedade, raiva, ódio, abuso, impunidade, violência, enjoo, ânsia, impotência, história do Brasil, sirenes, armas, torturadores; seja por meio de memórias recentes como "08 de janeiro", "marco temporal"; "Jair Messias Bolsonaro"; "genocídio"; "impeachment da Dilma"; "quem mandou matar Marielle?". Mas, se a revolta traz um nó na garganta, também traz um desejo de mudança, de desenlaçar as amarras, de escavar a terra suja de sangue, de descobrir uma justiça que não seja só aquela "que cuida de quem paga para ser cuidado".

Tendo como fundamento a busca por traçar suas próprias trajetórias e também lutas coletivas, Brenda e Bianca, jovens artistas e militantes de movimentos populares e

estudantis no Grande ABC, nos lançam um impulso de resistência. Por meio da poesia e do discurso político, vão escavar nos documentos e arquivos as vozes das mulheres que lutaram, que foram torturadas, sufocadas e assassinadas pelo Estado militar. A tarefa, portanto, é uma verdadeira batalha por ouvir o silêncio. Um silêncio passado que continua ecoando nos tempos de agora.

E o que faz este espetáculo é justamente colocar em cena o encontro de dois tempos, tanto pelos fatos que expõe – a violência do Estado, o fascismo e o desmonte de políticas públicas que ainda persistem, nos lembrando que a ditadura é uma ferida na nossa história que nunca cicatrizou –, como pelos corpos que estão em cena – duas artistas guerrilheiras secundaristas evocando duas guerrilheiras da luta armada dos anos de chumbo, Heleny Guariba e Inês Etienne Romeu. Então, ao colocarem seus corpos para contar a história dessas mulheres, propondo espaços de diálogos com suas próprias experiências e vivências, Brenda e Bianca compõem um ato político pelo direito à vida, à arte e à memória.

Assim, ali, dentro daquele memorial, elas nos fazem enxergar os apagamentos e esquecimentos da história de um país que viveu 21 anos de ditadura militar e que ainda vive e revive uma democracia ferida. Além disso, nos devolvem também nossa própria responsabilidade quanto aos silenciamentos reiterados da sociedade brasileira. Vivemos também inertes e anestesiades? Sentades

como plateia assistindo a avalanche? As duas atrizes e dramaturgas, com uma força fenomenal, nos lembram a todo momento os esquecimentos com os quais a sociedade brasileira aceitou conviver; e nos convocam a lembrar o fato de que, enquanto milhares de pessoas eram torturadas e mortas, a sociedade continuou levando a sua vida normalmente – almoços ao domingo, supermercado, trabalho, televisão ligada, jantar, sala de estar e etc – como se nada estivesse acontecendo. E nós, hoje, o que estamos fazendo?

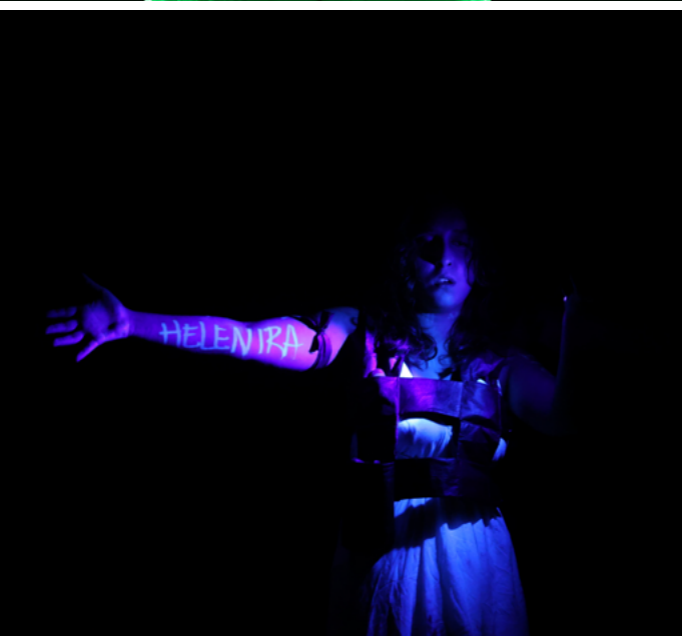
Um jovem na plateia disse, após o espetáculo, "preciso sair daqui. É como se eu precisasse fazer alguma coisa agora, alguma coisa para poder mudar a situação...". Esse desejo de mudança, de movimento, de ação é o que provocou em nós o manifesto cênico poético e político apresentado hoje. Ao lembrar de cada história, nome, corpo que o Estado tentou apagar; elas nos apontam não apenas a dor de um passado que não passa, como também o desejo de resistência.

E tal desejo vem não apenas do fato de exporem a brutalidade de histórias de tortura, estupro e assassinato cometidos pelo Estado, mas, também, da delicadeza com a qual constroem a dramaturgia narrando as saudades e desejos que ficaram perdidos pelo caminho – o desejo de uma mãe de ir viajar para praia com os filhos, a carta de um menino para o seu pai dizendo que quer trocar de bicicleta e que sente muita saudade – "quando você volta, pai?"; um bolo

de aniversário, um rosto sorridente, uma carta que se rasga – tudo isso que compõe a vida cotidiana de cada um de nós, detalhes que, de repente, tornam-se assombrosamente doloridos diante de um pai que nunca voltou, uma viagem que nunca aconteceu, um bolo de aniversário que nunca mais foi saboreado.

Por fim, me lembro que logo no início do espetáculo, elas anunciam a busca por um pássaro. E, ao final, qual não é a surpresa ao nos depararmos, de relance, com as asas desse pássaro no próprio palco. Seria o pássaro, então, o memorial ali construído? Um pássaro de voo rasante, um carcará do sertão, que alça voo diante de nós, como se chamasse, cantasse, gritasse convocando a nós todes para as ruas e para lembrarmos do que não pode ser apagado. Se "o esquecimento do massacre faz parte do massacre", como citou Paulo Gircys, é preciso cavar os buracos, evocar as vozes dos silêncios, sustentar as próprias revoluções.

"Essa noite vocês aconteceram" foi o que disse lindamente a diretora Mileny Vitória. E ousou acrescentar: nos fizeram desejar acontecer junto com vocês.





DI-LA-TAR¹

FELIPE DE MENEZES

apreciação da performance Dilatar, a partir do painel conduzido por Paulo Gircys – VQV – e Valéria Rocha – Conservatório de Tatuí

Sob o signo do Sol poente foi que vi surgir duas corpas brancas vestidas de Lua. Não sabemos ao certo quando tudo começou. Começo é verbo transitivo ou intransitivo? Não sei e ninguém soube dizer naquela praça de linda tarde e brisa leve. O

¹ Dilatar (verbo transitivo): aumentar, pela elevação da temperatura, o volume ou as dimensões de um corpo.

começo é quando os nossos corpos acordam ou seria, o começo, apenas uma enganação do tempo? Sentei e tudo começou para mim e para os 128 olhos que ali se viam.

O ano, 2023. O dia, suponho que 26. De julho. Praça da Matriz. 28º Fetesp.

"A vida é circo-lar por aí", gritou um transeunte. Estávamos sentados em roda, de fato. Nesse momento, dois cachorros pararam para ver aquelas corpas em estado de máquina que caminhavam como se dançassem, pulavam como se quisessem alçar o céu que, hoje, estava vestido de laranja. O tempo, e de novo ele, resolveu mostrar seu rosto em cada instante de segundo. E, assim, passaram-se longos minutos, crepúsculo adentro. Entre rimas, riscos e muito suor caído, as meninas vestidas de Lua performaram (ou pré-formaram) fragmentos de vida. Mas, afinal, que vida é essa? A completude das coisas só se dá se você for ao encontro delas. Será que existe um caminho sendo percorrido? O que elas pensam enquanto deliram? "Será que elas estão pagando uma penitência?" – me perguntou uma senhora de vermelho, ao lembrar do mito de Sísifo. Lugar de penitência é na igreja, minha senhora, eu respondi.

Pausa. Longa pausa.

Os sinos dobram: é a hora do *Angelus*. Duas virgens vestidas de Lua, aos pés da Conceição? Só podia ser a mulher do Apocalipse, 12 – cochicharam as beatas que passavam, à paisana. Quando a igreja, por

fim, se calou, os nossos ouvidos passaram a ouvir as pequenas delicadezas daquelas corpas atravessadas por sons, silêncios, ruídos e tempestades internas. Movimentos em ré menor, seguidos de contração dos músculos lisos. Noutras vezes, um som de "ai" era possível de se ouvir lá de dentro daquele tráfego sanguíneo. Para um chão de intertravados, só seria possível movimentos intertravados. Orna mais.

De acordo com o que há de mais avançado em termos de pesquisa científica do humor, foi comprovado que o teatro é o irmão mais velho e que a performance é a irmã caçula. O caçula sempre pode tudo e ninguém fala nada...

Voltamos da longa pausa.

Qual é o tempo das coisas? A senha da sorveteria, o ronco da moto, de novo o dobrado dos sinos e um *trap* comendo solto no carro do gás. E lá, ainda, estão aquelas corpas quentes, desesperadas e prenhas de porvir. Não sabemos seus nomes, de onde vêm e nem para onde estão indo. Se andassem em linha reta, elas teriam percorrido exatos 28 quilômetros –, que é o mesmo número da edição do FETESP deste ano.

Estamos estupefatos com o estado antes, durante e depois da queda-convulsão. O mundo parou e já podemos descer. Sísifo era mulher.

Acordei! Agora silêncio, o sol quer descansar. A noite chegará e mudará tudo.

Dilatei.



Quinn



Solom



MANIFESTO PACIENTE: UMA EXPERIÊNCIA IMPACTANTE NO FETESP

FELIPE DE MENEZES

apreciação da performance Manifesto paciente, a partir do painel conduzido por Lígia Helena – VQV – e Thiago Leite – Conservatório de Tatuí

A tarde, hoje, a começar com a experiência do "Manifesto Paciente", foi de longas e importantes discussões sobre o próprio teatro e os sentidos que se percebem durante a fruição da obra de arte cênica. É no século 20 que o teatro passa

a ser, de forma sistematizada e regular, o espaço de discussão do próprio teatro. Soma-se a isso o fato de, no próprio século 20, vimos surgir a performance enquanto linguagem artística, dotada de significados e significantes "próprios". É nesse cenário, por todos os cantos do mundo, que a arte passa, de maneira geral, a questionar um certo tipo de representação do real, tido como hegemônico, que valorizava a máxima proximidade entre a representação e o objeto/sujeito representado. Tãmanha foi a desorganização das certezas, oriundas das incertezas humanas do pós-guerra, que o teatro, e as artes em geral, se viu no centro de um importante debate: quais os limites da representação? E essa, também, foi a discussão que animou o debate após a nossa experiência do ato cênico denominado "Manifesto Paciente", apresentado na tarde de hoje, dia 26 de julho de 2023, no jardim do Teatro Procópio Ferreira, no Conservatório de Tatuí, durante o 28º FETESP.

O Grupo Aberto de Teatro, da cidade de São Paulo, é formado por *performers*, diretores e preparadores que têm sua residência artística no Instituto A CASA, que é um espaço de tratamento terapêutico às pessoas com algum tipo de sofrimento psíquico. O modelo desta unidade de saúde é do tipo Hospital-Dia, onde os pacientes (ou usuários ou clientes), às quartas-feiras, desenvolvem alguma atividade artística. O Grupo Aberto, hoje coordenado e dirigido por Rafael Costa, é um espaço de vivência/

experiência com o fazer artístico-teatral que, inclusive, remonta ao trabalho de artistas como Renato Cohen e Peter-Pál Pelbart e seu grupo "Ueinz". Rafael Costa é herdeiro desse trabalho, muito embora o grupo tenha ganhado outros objetivos e métodos dentro do que convencionou-se chamar de teatro-performativo e/ou performance. O grupo ocupou, em 120 minutos, ao longo de 3 atos, todo o espaço aberto em torno do Teatro Procópio Ferreira. Como uma das propostas da direção era promover experiências sensoriais e deslocamentos em quem faz e em quem assiste, fomos todos convidados a, também, quebrar a barreira previamente estabelecida entre "plateia e palco" e participamos de uma grande festa com bebidas e comidas, mas não só: tinha, no espaço, microfones abertos, jogos e brincadeiras, bancos e cadeiras, pacientes-artistas e um-sem-número de pessoas interessadas em construir sentidos durante toda aquela potente imersão. "Manifesto Paciente" é uma oportunidade de performarmos um desnudamento de nossas próprias máscaras sociais. Ali, não importava sua história nem sua memória, o presente era o tempo que imperava. O aqui-agora era a única pauta e demanda daquela tarde. Anotem: houve um dia em que, durante 20 minutos, paramos para assistir a um grupo de *performers* dormindo um sono gostoso, sentindo o vento soprar, delicadamente, as folhas secas daquele jardim. "Manifesto Paciente" quer – e tem meios para – ser uma das coisas mais impactantes desta edição

do festival. A escolha curatorial deste festival tem dado um show de bola na programação cuidadosamente pensada. Parabéns a vocês!

Qualquer um de nós que se interessa por teatro precisava ter essa aula-espetáculo para, aí sim, começarmos a discutir presença e representação, teatro e performance, arte e vida, essência e aparência, real e simulacro, mimético e diegético, quem performa e quem assiste, entre outras parafernalias do teatro contemporâneo.

Obrigado Rafael Costa, Fernando Ramos e todos os *performers* do Grupo Aberto de Teatro.

Vocês sabem quantas árvores existem no jardim do Conservatório?





O VOO DO CARCARÁ

MARCO ANTONIO PEDRA

bolsista estagiário de apreciação crítica. estudante de artes cênicas da Unicamp. apreciou o espetáculo Inimigas públicas: Memórias de chumbo

Na noite de 26 de julho de 2023, a Cia. Andarilhas apresentou o seu primeiro espetáculo na 28ª edição do FETESP, *Inimigas Públicas: memórias de chumbo*. Foi no sexto dos dez dias do festival, quando a lua crescente resplandecia em sessenta por

cento. Junto com a lua, o brilho do FETESP segue ficando mais forte ao longo do evento, como comentei no texto de apresentação desta seção. Com apenas dezenove anos, Brenda Rodrigues e Bianca Moriel escreveram o texto encenado. O processo criativo aconteceu na Escola Livre de Teatro (ELT) com a orientação da professora e dramaturga Solange Dias. A peça conta a história de mulheres que participaram da luta armada na ditadura militar no Brasil. São duas as figuras em que as autoras se debruçam com mais afinco: Heleny Guariba e Inês Etienne Romeu. Muitas outras são citadas, e suas imagens se somam em um painel que é o plano de fundo do cenário. A história de Heleny foi escolhida pelo grupo pela relação com a cidade da Cia. Andarilhas, Santo André. Lá, ela fundou uma companhia de teatro de resistência. A segunda foi a única a escapar da Casa da Morte, de Petrópolis-RJ, onde várias mulheres foram espancadas, estupradas e mortas. No relatório da Comissão Nacional da Verdade há alguns depoimentos de Inês sobre quem foram as mulheres levadas à Casa da Morte e como eram as torturas. Para a concepção da dramaturgia, Brenda e Bianca visitaram o Memorial da Resistência e buscaram outros materiais primários em acervos virtuais. O que chama mais a atenção no trabalho é, justamente, a investigação histórica, que com a circulação da peça e a continuidade do processo podem ser ainda mais aprofundadas. Olhar para o passado tem sido uma prática recorrente nas peças do 28º FETESP – a exemplo de *1989*, sobre

a primeira eleição direta após a ditadura militar; *Chão Brasil*, cujas músicas evocam a resistência brasileira nos tempo de chumbo; e *Estuários: entre íntimos e imaginários*, construído em conexão com a ancestralidade afro-diaspóricas das *performers*. Em seu livro *Performances do tempo espiralar*, Leda Maria Martins trouxe uma discussão sobre a passagem do tempo. De acordo com a lógica hegemônica, o tempo é algo que é superado. Leda nos apresenta uma outra lógica, vinda de epistemologias africanas, que entende o tempo como algo que, ao invés de "passar", se atualiza. Desta maneira, não podemos restringir o nosso olhar ao futuro, pois este se constitui do passado. Devemos, então, nos conectar com ele para entender suas potências e fragilidades. No caso de *Inimigas Públicas*, isso parece ser feito através de uma linguagem que remete a um teatro bastante épico e brechtiano. Bertolt Brecht, na Alemanha nazista, tinha tanta necessidade de se comunicar com o seu público que quebrou a quarta parede para um bate-papo mais direto com a plateia. Fez isso sem que o seu trabalho perdesse o aspecto teatral das personagens. Os atores de Brecht são, na maior parte do tempo, personagens e, em alguns momentos, assumem a posição de atuantes. No caso de *Inimigas Públicas*, na maior parte do tempo, elas assumem o lugar de atuantes e, em alguns momentos, são as figuras femininas abordadas pela peça. Há também bastante música em cena, outra característica das encenações do diretor alemão. Brecht provavelmente colocaria a

alfaia que é tocada no espetáculo na cena, de frente com o público. Em *Inimigas Públicas*, o instrumento fica em um mezanino no fundo da plateia. Talvez fosse interessante trazer as maquinarias para a cena e despir o teatro de suas vestimentas, rotundas e coxias, para evidenciar ainda mais o tom épico que o trabalho já tem. Mas talvez não seja o caso... São coisas que a companhia pode ir descobrindo em sua trajetória, que, se depender da minha torcida, será muito longa. Além disso, há cartazes, letreiros, fotos, gravações de áudio... Muitos recursos que fragmentam a encenação em função do andamento das narrativas que são contadas – o que sublinha a epicidade da obra. O momento em que as meninas descem do palco e interagem com o público portando armas pode soar como uma reprodução da violência dos algozes da ditadura. Talvez a Cia. Andarilhas possa analisar se esta cena contribui para a construção do discurso do espetáculo ou se é necessário fazer mudanças. É muito criativa a cena em que a aparelhagem que faz o contra-luz do espetáculo, de gelatinas vermelhas e azuis, acende enquanto toca uma sirene de polícia. Um símbolo de repressão policial é criado, e na dimensão da largura do enorme palco do Teatro Procópio Ferreira. Brillhante! Acompanhei um pouco dos bastidores da peça algumas horas antes da apresentação. Toda a equipe estava reunida para uma passagem técnica. O grupo chegou no local com um cronograma detalhado do que iriam fazer e o seguiram com precisão. Nos

ajustes de cena, muita escuta e respeito pela opinião de todas as pessoas envolvidas. Todo apontamento era levado em consideração. Além disso, o grupo trouxe ideias de produção bastante inteligentes. A venda de um livreto sobre o processo criativo da peça, por apenas cinco reais, foi uma delas. No livro, há os títulos das músicas utilizadas na peça, poemas inéditos escritos pelas autoras e outras informações. O cenário é grandioso, funciona muito bem na cena e é feito com uma corda vermelha e algumas impressões de fotos e documentos. Com certeza, um ótimo custo-benefício. O trabalho pertence a uma equipe competente que tem muito potencial para continuar a pesquisa da peça e voar como um carcará! *Inimigas Públicas* traz à luz memórias que precisam abrigar a lembrança da nossa população.





CANSAÇO VENCIDO PELA AGONIA

THIAGO MARCHETTO

bolsista estagiário de apreciação crítica. estudante da escola dos doutores da alegria. apreciou a performance Dilatar

"Au au au.."

"VAI CORINTHIANS!!!"

"LEVA TUDO POR IO!"

*crack crack

vruuuuuuuuuuum

ieieieieieieieieieieie

"Noah, vem pra cá, filho."

"Tenho medo de pomba."

"Oi, meu amor. Tudo bem?"

"Senta aqui, Rê!"

"Vocês estão usando essa cadeira?"

"Quero comer lanche."

"What is love, oh baby don't hurt me"

Essa foi a dramaturgia que seu deu em *Dilatar* – intervenção espontânea idealizada pelos corpos de Lorrane Suelen e Marília Pasqualotto, a dupla teatral *Apoenas*. A distração é pega de surpresa por dois tecidos brancos em uma sintonia física que mora no desequilíbrio de zonas áridas. Ora ritmado, ora fora do tempo, fazendo com que a leitura se aproximasse ainda mais da escrita. Uma moça da plateia, que compunha aquela dramaturgia junto, de Tatuí, falou que elas pareciam estar pagando por suas penitências. O que poderia ser apenas o imaginário juntamente com o silêncio, tornou-se um acervo para um novo pensamento dramático. O som das bocas comendo, o correr das motos, crianças brincando e pombas, eram os espelhos daqueles corpos que fugiam do olhar baixo e dos movimentos repetitivos. Dramaturgia embaraçosa de uma escrita que não se repete nunca mais. A leitura que se dá é que nós, enquanto cidadãos, enquanto apreciadores de arte, somos reféns dos movimentos repetitivos

e da zona de conforto de nossas carcaças. Propositalmente ou não, a proposta que isso emite serve como um dever de casa. Dever este, sobretudo nosso, de deixar com que os sons externos nos atravessassem com outra visão panorâmica, para daí vivermos novas propostas de recebimento.

Três atos. O primeiro repete o último. E o segundo faz a Praça da Matriz ficar pequena, no decorrer do crescimento dos corpos. Os olhares são tão íntimos e tão sintomáticos com a gente, que isso faz voltarmos os olhos para dentro de nós mesmos, tudo isso em céu aberto. Não olhamos para as pessoas ao nosso redor no dia a dia. Momentos antes do espetáculo, as duas intérpretes se aconchegavam uma na outra, na expectativa de que aquilo era maior do que elas. E foi! Por mais que ali se tratasse de dois corpos em extrema juntura poética e profunda, elas têm muito a ensinar para coletivos grandiosos.

"A ópera não faz parte da cena delas, né?"

"Tá acontecendo alguma coisa ali!"

"Não dá pra montar cenário aqui, né?"

"Xiiiiiiii!"

"Dá sim!"

PLIM.... PLIM...PLIM...

E a dramaturgia se encerra assim – porosa, agonizante, molhada, suja e escura.

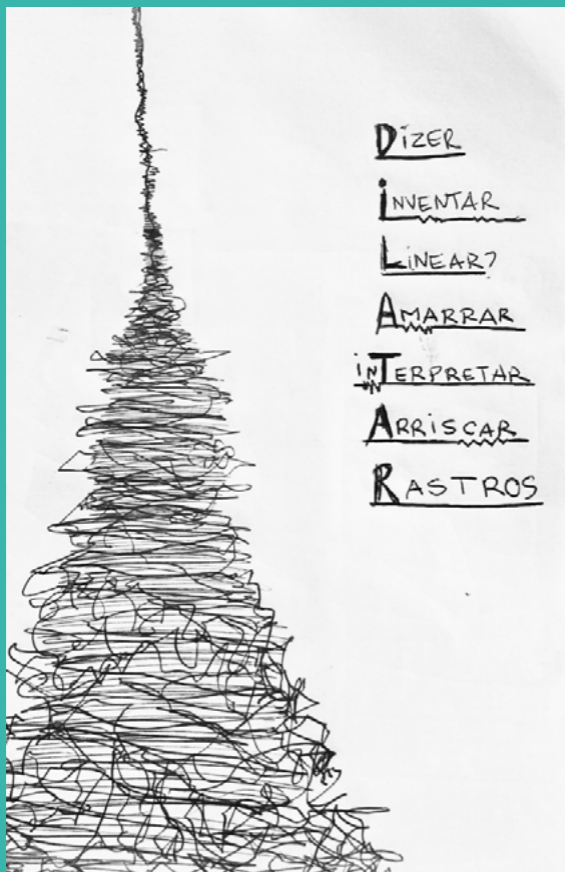


QUEM SOMOS NÓS?



KAIO ALEXANDRE

(À)RISCAR



KAIO ALEXANDRE

PRA QUE NÃO ESQUEÇAMOS



KAIO ALEXANDRE



CONVOCO QUE PAREM

CAMILA ALOMBA

*estudante do 2º ano do curso de artes
cênicas do Conservatório de Tatuí*

Respirem, pulem com as pontas dos dedos, andem com os pés enraizados, sintam o chão. Ouçam o som da cidade.

Convoco que andem, pulem, olhem, sintam o que o chão diz, abracem o chão que pisam, saiam do lugar com o corpo estático e que também, e que talvez, e que de alguma maneira...

Convoco que respirem. Respirem sem sincronia, andem com o tempo que tiver. Não circular, circular, horizontal, vertical, sem fim, com pausas ou não. Andem.

Pulem. Procurem o fôlego, diluam o fôlego, controlem ou não o fôlego... continuem. Andem pra trás. E daí? Quem disse que pra trás não se anda? Quem disse que é só pra frente que se faz o caminho? Qual o caminho?

A intensidade dilata. A densidade do andar movimentada. O ritmo tridimensional. Ecos dessincronizados. Ocupem espaços. Preencham o solo. Flutuem com o ar.

Convoco que sintam o cheiro. A cidade tem cheiro, a praça tem cheiro. Tem som, tem... tem sim! Eu consigo te ouvir, passarinho. Eu ouço o som da buzina, as amigas que conversam no banco, tem sorvete, a loja aberta anuncia promoções. O sino. Tem sino na igreja. O doguinho passou por aqui. Tem sorvete. Um fuma cigarro, outro bebe um refri. Alguns caminham de volta pra casa ou voltam do mercado. Alguém ensaia uma canção do nosso lado. Um menino ao lado da mulher questiona: "isso é teatro?".

Convoco que recebam a noite. Convoco que parem no tempo. Que se dilatam pelo caminho. Convoco que sintam o vento gelado. Convoco que saiam desse tempo espaço. Convoco que ecoem o respiro, convoco que sussurrem. Convoco a suarmos. Convoco-te a tediarse de tanto esperar. Convoco a pausar a travessia. Convoco a se perder nesse tempo.

CRÔNICA DO DIA SEGUINTE

Convoco a conversar com o tempo. Convoco a aprender sobre o tempo. Convoco que vibrem o corpo. Convoco a abraçar sua pele. Convoco pra que se encorajem. Coragem! Convoco a seguir. Convoco que misturem leveza e potência. Convoco todes a dilatar-se.





DENÚNCIA

GUILHERME GARCIA

participante do 28º FETESP e estudante do Curso Profissionalizante de Teatro pelo Centro de Artes Cênicas Walmor Chagas da Cia Teatro da Cidade, em São José dos Campos

Crônica inspirada na performance "Manifesto Paciente" do Grupo Aberto de Teatro.

Me roubaram as horas. Não todas, algumas apenas. Não sei dizer quantas foram, quando dei por mim já havia deixado que as levassem. Aliás, acho que me furtaram as

horas. Andavam sem pressa alguma e usavam macacões ridículos. Gozado como, a princípio, me pareciam apenas crianças tirando uma soneca, quando dei por mim, tocávamos tambores e pensávamos a vida.

O que eu estava fazendo? Talvez descascando uma mexerica ou lendo um poema. O fato é que em algum momento percebi que não caminhava mais. Vagava. Você sabe que de-vagar-se vai ao longe, né? Pois é, achei que não ia mais voltar.

Se eu não achei isso estranho? Não parei para pensar sobre isso, pois me furtaram as horas, lembra? Mas tenho a sensação de que pela primeira vez em muito tempo eu não via algo tão normal.





VOU MANDAR POR AQUI, TUDO BEM?

PATRICK GOMES

*Companhia de Teatro Flor do Asfalto,
ETEC de Artes, SP*

Sigo acordando de um sonho, que insiste em se diluir com o tempo.

Bom dia em Tatuí é diferente, o sol vem na direção da janela do quarto logo pela manhã.

Café da manhã reforçado que hoje é mais um dia cheio de arte!

Correria pra cumprir horário, cheguei um pouco atrasado na oficina de Design de Conteúdo para as redes sociais, mas deu tempo de aproveitar tudo!

Chegando lá me encontrei com a Lívia, que conheci na noite anterior, no Casa África. Na aula ela nos contou um pouco do processo pra fazer essas artes lindas que estão espalhadas por Tatuí, fiquei admirado e feliz por ter cruzado o caminho dela!

Almoço, despedida de alguns integrantes da Companhia que partiram de volta pra casa.

E depois do almoço fui pego de surpresa com a peça "Manifesto Paciente" do grupo aberto de teatro, onde escrevi um texto:

Viver é ritmo, compasso.

É esperar a próxima nota soar, ou o silêncio da pausa,

É sobre compôr, mas sem partitura,

Pés no chão, descalço.

Sono insistente, convite pra dormir,

Pra além de só dormir, descansar.

Acampamento, chamamento pra qualquer lugar,

Dos que não pertencem a lugar nenhum.

Olhares, percepções, entendimentos

Desatento, desato em mim, nós.

Após essa apresentação, tive o prazer de ver

"Dilatar" do Grupo Apoenas. Essas meninas foram sensacionais, onde também escrevi um texto:

Eu ainda não entendo muita coisa do que a arte diz.

Não entendo o que os artistas dizem.

Uns falam demais, barulhentos.

Outros não falam, mas também fazem barulho,

Mas todos escolhem suas linguagens

Suas formas únicas de falar.

Seu próprio dialeto, sua própria língua, com suas expressões únicas.

Sinto que no meio disso tudo, preciso observar.

Dilatar fala com o corpo,

Mas em meio à praça, mais coisas falam com essa peça,

Seja o canto lírico do morador, o cantar dos pássaros, o caminhar lento de quem está em volta, pra notar o que está acontecendo.

Em meio a trocas

De olhares, gestos e sons,

O presente se constrói, por si, e por aí.

Dilatar dissipa, destrava, equilibra.

Mesmo sem falar uma palavra.

CRÔNICA DO DIA SEGUINTE

Janta, respiro pra puxar o fôlego um pouquinho pra assistir "Inimigas Públicas: Memórias de Chumbo", da Cia Andarilhas.

Coleto as riquezas destes lugares por onde me fiz presente, com a certeza de que cresci mais um pouquinho.



QUEBRATEMPO

MURILO HENRIQUE DELESPOSTI

*estudante do 3º ano do curso de Artes
Cênicas no Conservatório de Tatuí*

"Eu não gosto do bom gosto

Eu não gosto de bom senso

Eu não gosto dos bons modos

Não gosto"

Senhas, Adriana Calcanhoto

Sexto dia de FETESP. O começo do fim.

Primeiro dia de sol de fato. O vento é tão gostoso nos cabelos todos: tranças, cachos, ondas, liberdades! Somos convidados para adentrar onde antes havia o jardim do Conservatório, mas hoje parece outra dimensão. Várias faixas em papel pardo com um único dizer: Manifesto Paciente.

E haja paciência! O primeiro ato que parecia um simples repouso – todos os atores adormeciam debaixo do sol feito gatos – nos deslocava para outro tempo: o tempo da espera, da contemplação, o tempo-sem-tempo, o lugar nenhum, o paraíso perdido. Entre bocejos e pernas inquietas, foram sabe-se lá quantos minutos contemplando um respiro coletivo. Uma pausa. Um refúgio. Só pra depois explodir em cores, formas e sons. Parecia que um circo itinerante havia chegado na cidade. Tambores, plástico-bolha, guarda-sol, churrasco, pantufas, Reiki, fumódromo, bonecos. E nos microfones, poesias, queixas, músicas, questionamentos: o que te tira a paciência? Ponha a barca de lado!

Mais tarde, parecia que o tempo permanecia quebrado. Cinco da tarde. A performance já corria. Cinco e meia. Uma badalada no relógio. Seis em ponto. Sinfonia desorganizada. Falando assim, parece que essa hora em que Dilatar tomou o espaço da praça no coração da cidade passou rápido. Mas muito pelo contrário: me fez pensar em como alguns minutos são infinitos enquanto algumas horas jorram feito corredeira. Incômodos

crescentes, permanentes. O olhar para as atrizes latentes: não entende, sente.

A sexta noite desemboca multidões no Procópio. Inimigas Públicas estavam ali presentes, dando voz às ausências. Saio querendo conhecer todas as heroínas das guerrilhas anti-ditadura. Aqui o tempo também é rompido: me vejo indo pra 1964 e voltando pra 2023 num pêndulo que vai e volta rasgando. No palco, as atrizes têm dezenove anos, mas parecem ter trezentos: quanta coragem essas mulheres impregnam em sua obra – dramaturgia delas, inclusive – que é cheia daquela revolta adolescente que hora ou outra eu lembro de ainda ter. Obrigado. É bom lembrar. É necessário. Não esquecerei mais.

O tempo ainda continua esquisito por aqui. Também sente? É o efeito desse festival. Cultivem a paciência. Não deveria, mas é uma virtude. O sétimo dia já está aqui.





TATUIANOS DO MUNDO, FLERTAI-VOS!

ANDREWS NASCIMENTO

*Cia quase poética de teatros,
SP Escola de teatro*

As definições da palavra "ocupação" foram atualizadas. Pensando aqui neste conceito tão potente que guia o musical do Vila Rica, é mais do que notório que passados todos estes dias de imersão artística, cheia de trocas maravilhosas e

peças incríveis, arrisco dizer que não houve troca que superou a quantidade de flertes que rolaram durante o festival, inclusive com um perfil do Instagram chamado SPOTTED FETESP que virou o cupido oficial do evento. É o vigésimo oitavo FETESP ocupando tudo, inclusive os corações.

Diversos recadinhos carinhosos para o *crush* postados diariamente nesta página viraram o assunto do momento. Era só rolar um babado nas postagens que já nos víamos todes ali, falando sobre, rindo e sorrindo, cheios de alegria e, é claro, curiosidade. Mas essas flechas virtuais disparadas pelo SPOTTED FETESP não eram só um motivo para você puxar um papo gostoso, e quem sabe conquistar aquele coraçõzinho que te cativou com o olhar na próxima festa que ia rolar em algum lugar da cidade, para depois terminar na praça (sim, sempre terminava na praça). Havia um clima de descontração e acolhimento na cidade, e que era potencializado nestas postagens, sempre com muito carinho e respeito, tanto virtualmente quanto presencialmente. Todas as noites tatuienses foram vividas com muita felicidade, música, esconde-esconde, e pega-pega (não o do flerte, mas também o do flerte).

Na noite de estreia do nosso musical, faltando um minuto para entrarmos no palco, obviamente o frio na barriga imperava na coxa do teatro Procópio Ferreira do Conservatório de Tatuí, mas havia algo único nessa sensação coletiva. Era como se as nossas borboletas do estômago gritassem, lá

do fundo, para que conseguíssemos ocupar os corações de toda aquela plateia. Era aquela palavrinha mágica, "ocupação", tão pequena dentro de um texto e tão grande na sua intenção, que estava reverberando no inconsciente coletivo do Vila Rica. E foi no final do espetáculo que tivemos a certeza não só que ocupamos o coração de cada ser humaninho que nos assistia, mas também que os nossos corações estavam ocupados, cheios de amor, carinho, e vontade de voltarmos no próximo FETESP, para mais uma vez ocupar e sermos ocupados. O teatro se mostra, mais uma vez, além de lugar do fazer artístico, como um lugar de trocas e de afetos, e porque não dizer, também, um lugar de flertes. Segundo nosso amigo Azul, "O meu coração já tá ocupado, e o seu?".



ARTE NA EDUCAÇÃO BÁSICA É RESISTÊNCIA

GUILHERME GARCIA

participante do 28º FETESP e estudante do Curso Profissionalizante de Teatro pelo Centro de Artes Cênicas Walmor Chagas da Cia Teatro da Cidade, em São José dos Campos

Venho celebrar a presença dos grupos Cia de Teatro Tal&Pá, Grupo Alta (da Escola Estadual Professor Altamir Gonçalves) e Constante Grupo Teatral (da Escola Estadual Profª Nair Guilhermina Pinheiro Nogueira), pois são grupos que

atuam diretamente na resistência da arte em escolas públicas do estado, sobretudo após o desmonte que vivemos na educação durante os últimos quatro anos e durante a pandemia. Em um país que tem como premissa básica da educação a redução da desigualdade social, como pode ser observado pelas metas do Plano Nacional de Educação (PNE) – instituído pela Lei nº 13.005/2014 que definiu 10 diretrizes para guiar a educação brasileira entre 2014 e 2024 – a educação artística vive tempos de sucateamento e falta de suporte. Aqui precisamos considerar as muitas involuções sofridas pelos movimentos políticos dos últimos anos e também pela pandemia.

A gestão brasileira é complexa, passa por uma necessidade de assistência que abraça famílias desestruturadas, escolas com baixas condições de infraestrutura e carência de professores. A divisão da verba frequentemente é feita pelos municípios que enfrentam condições adversas com escolas e comunidades diferentes umas das outras. No Brasil, o valor gasto por aluno é apenas de $\frac{1}{4}$ do valor utilizado pelos países que compõem a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), organização que reúne os 30 países mais desenvolvidos economicamente do mundo.

Além da dificuldade na distribuição de verba, lidamos agora com a sombra do Novo Ensino Médio, onde as disciplinas estão agrupadas em Linguagem, Matemática, Ciências da Natureza e Ciências Humanas e Sociais. Mas apenas Matemática e Português são obrigatórios nos

três anos do ciclo. Isso em um país que tem um histórico de educação bancária – como diria Paulo Freire – acaba por reforçar as preferências dos pais por disciplinas exatas, visto que as gerações anteriores aprenderam que esses conteúdos são mais relevantes para uma formação profissional. A ironia encontra-se no fato de que – segundo pesquisa da consultoria Robert Half em 2014 – entre os principais motivos que levam empregadores a ordenarem demissões no Brasil, estão os problemas associados ao comportamento do funcionário, falta de aderência à cultura da empresa e dificuldades de relacionamento com a equipe, que são questões desenvolvidas, sobretudo, pelas disciplinas de “humanas” e, de forma central, nas artes cênicas.

Assim como o Novo Ensino Médio, a implementação das escolas de Ensino Integral também tem encontrado controvérsias, pois, se por um lado, através das disciplinas eletivas houve mais possibilidades de trazer o teatro e outras modalidades artísticas para a sala de aula, por outro, não há aparelhos suficientes para promover a interdisciplinaridade, formação e contratação de professores e professoras qualificadas (apenas 6,6% da verba de educação é destinada para a construção e manutenção de escolas).

Por todos esses motivos, quero celebrar aqui a existência dos grupos de teatro já citados. Pois estão no seio da resistência artística brasileira. Que se faz sim em manifestações, nas câmaras legislativas, nas performances de

rua e nos palcos de todo o país. Mas que está na mudança do pensamento, em uma visão coletiva, no ajuste de foco do conhecimento, transitando da necessidade de formação profissional para a simples importância do "saber". E isso tudo começa na educação básica.

EXPEDIENTE

Coordenador editorial

Antonio Salvador

Coordenadora de comunicação

Luiza Lorenzetti

Arte design

Lívia da Silva

Produção editorial

João Fabbro

Revisão de textos

Thiago Leite

João Fabbro

Colaboradores

Andrews Nascimento

Camila Alomba

Camila Barbagallo

Guilherme Garcia

Julia Pedreira

Felipe de Menezes

Kaio Alexandre

Marco Antonio Pedra

Murilo Henrique Delesposti

Patrick Gomes

Thiago Marchetto

Fotógrafo

João Maria

[Leia também por meio deste link a Buli - Revista de Artes Cênicas do Conservatório de Tatuí](#)

O jornal BULI - publicação do FETESP - Festival Estudantil de Teatro do Estado de São Paulo, do Conservatório de Tatuí, é construído por muitas vozes e olhares, mas sempre prezando pela singularidade de estilos e reflexões das autorias individuais ou coletivas que assinam cada matéria. Dessa forma, os textos aqui publicados não expressam, necessariamente, a opinião do Conservatório de Tatuí - instituição da Secretaria de Cultura, Economia e Indústria Criativas do Estado de São Paulo e de sua gestora, a Sustentados Organização Social de Cultura.

Apoio:



Parceria:



PREFEITURA DE TATUÍ

poiesis
gestão cultural



OC
OFICINAS
CULTURAIS



8º ENCONTRO
MAMULENGO
em SÃO PAULO



Realização:

#SUSTENIDOS



CULTSP

Secretaria da  SÃO PAULO
Cultura, Economia e Indústria Criativas GOVERNO DO ESTADO